



DOM HELDER

*memória e profecia
no seu centenário*

1909 - 2009

O PADREZINHO, NOSSO E DO MUNDO

A maior nação católica do mundo viu-se também com o testemunho da presença ativa e consciente no nervo da opção pela justiça e pelo pobre. O padrezinho, nosso e do mundo, não falou apenas pelo Brasil, mas por todas as periferias do universo da fatura, usando com sua boa consciência e sua anestesia ao imperativo evangélico. Devemos ao arcebispo de Recife a consolidação efetiva da ação católica, de Dr. Alceu e D. Leme, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a grande presença latino-americana desde o arranco do Vaticano II e a marca da solidariedade concreta para além da mera retórica da caridade, ou da espera do Reino dos Céus.

Tanto relocou, pela Cruzada São Sebastião, as favelas do Rio de Janeiro como enfrentou o Brasil nordestino da lama, da vala negra, da mortalidade infantil; bem como denunciou no governo militar a tortura e o desaparecimento das vítimas. Fica a imagem do bege cru da batina do arcebispo, a corrente de metal em torno do crucifixo tosco, na mensagem pelo despertar das novas minorias abraâmicas deste Ocidente esfriado pelo conformismo da fé ou pela sua crescente irrelevância em antigos países da cristandade.

No retiro final da Igreja das Fronteiras, continua o recado do Profeta para além do Santo, a nos sacudir da crença que não se faz angústia, ou da esperança deseducada, do sofrimento, aqui e agora.

Candido Mendes

Reitor da Universidade Candido Mendes

APRESENTAÇÃO

A exposição *Dom Helder – Memória e profecia, no seu centenário: 1909-2009*, resgata a trajetória do mais conhecido dentre os bispos brasileiros do século XX.

Montada na França e graciosamente cedida ao Brasil, graças a José de Broucker, seu curador, a exposição foi reorganizada e lançada como iniciativa conjunta do Instituto Dom Helder Camara /IDHeC do Recife; da Universidade Candido Mendes do Rio de Janeiro; do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade/CAALL de Petrópolis, do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular/CESEP de São Paulo, SP; da Pontifícia Universidade Católica/PUC RJ e da Paulinas Editora de São Paulo.

João Paulo II, ao exclamar no Recife: “Dom Helder, irmão dos pobres e meu irmão”, apontava para o essencial de sua vida: seu amor aos pequenos e sua incansável luta pela justiça, a fim de resgatá-los da pobreza, devolvendo-lhes a esperança e a dignidade de filhos e filhas de Deus.

Nascido e ordenado padre no Ceará, Dom Helder foi bispo e arcebispo no Rio de Janeiro (1952-1964) e no Recife (1964-1985). Atuou nacionalmente como fundador e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB (1952-1964). Participou da fundação do Conselho Episcopal Latino-Americano em 1955, assumindo sua vice-presidência e estendendo sua atuação a toda a América Latina e ao Caribe em diálogo com os Estados Unidos e o Canadá. O Concílio Vaticano II (1962-1965) e suas posteriores viagens lançaram-no na cena internacional e nos combates mais amplos pela justiça, pela paz e pela cooperação entre os povos. Deixou um legado de coragem e ousadia na resistência ao regime militar brasileiro (1964-1985) e no empenho por sociedades mundialmente mais justas, fraternas e solidárias.

Pe. José Oscar Beozzo

Coordenador-geral do Cesep

Um profeta para nosso tempo



“Dois mil anos após o nascimento do Cristo, mais de dois terços da humanidade encontra-se em condições infra-humanas de miséria e de fome. Mais de dois terços dos filhos de Deus vivem em condições subumanas. Vinte por cento da humanidade consome 80% das riquezas da terra. Oitenta por cento da humanidade deve se contentar com menos de 20% destas mesmas riquezas...”

“Eu tenho fome e sede de paz. Dessa paz do Cristo que se apoia na justiça. Eu tenho fome e sede de diálogo, e é por isso que eu corro por todos os lados de onde me acenam, à procura do que pode aproximar os homens em nome do essencial... E falar em nome daqueles que são impedidos de fazê-lo.”



“O ano 2000, sem miséria”: a última campanha lançada por Dom Helder, aos 83 anos.



O Nordeste brasileiro, onde se alternam secas e inundações catastróficas, é chamado de “Quadrilátero da fome”.

Filho do Nordeste e irmão universal

1909. Nasce no dia 7 de fevereiro, em Fortaleza (CE), no Nordeste do Brasil. Seu pai era guarda-livros da mais importante casa de comércio da cidade, a sociedade “Irmãos Boris”, e sua mãe, professora primária. Ele foi o décimo primeiro de uma família de treze filhos.

1918-1936. Entra no Seminário Menor em 1918; é ordenado aos 22 anos, com dispensa da idade canônica pela Santa Sé. Por solicitação de seu Bispo, faz campanha para a Liga Eleitoral Católica (LEC); aceita o cargo de Secretário de Educação do Estado do Ceará.

1936-1964. Deixa Fortaleza e a militância política e sindical; passa vinte e oito anos na cidade do Rio de Janeiro: profissionalmente, como Técnico do Ministério da Educação e, mais tarde, como membro do Conselho Federal de Educação; eclesialmente, como diretor do Ensino Religioso e assistente da Ação Católica. Foi fundador e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); bispo e depois arcebispo auxiliar. Socialmente, tornou-se interlocutor dos poderes políticos e “Arcebispo das Favelas”.

1964-1985. Arcebispo de Olinda e Recife (PE), durante toda a ditadura militar, que o condena ao silêncio. Em Roma, durante o Concílio (1962-1965), e depois, como consequência de inúmeras viagens internacionais, alcança uma audiência mundial. No dia de sua posse no Recife, apresenta-se como: “Um nordestino falando a nordestinos, com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no mundo. Uma criatura que se considera irmão de fraqueza e de pecado dos homens de todas as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem para ser servido, mas para servir”.

1985-1999. Aposentadoria dolorosa e discreta no Recife, onde o novo arcebispo põe em execução uma pastoral em ruptura com a de Dom Helder. A partir de 1994, dedica-se a preparar “a viagem final, isto é, a chegada à casa do Pai”, que aconteceu no dia 27 de agosto de 1999:

“Chegando ao fim da minha vida, eu vejo que o mais belo presente que Deus me fez é o de permitir que jamais o ódio ou o rancor tomasse lugar no meu coração”.



Sua mãe, Adelaide Rodrigues Pessoa.



Seu pai, João Eduardo Torres Camara Filho.



Jovem seminarista.



Bispo auxiliar no Rio de Janeiro, RJ, aos 43 anos.



Em 12 de abril de 1964, Dom Helder chega ao Recife (PE).



Aniversário de 80 anos: festa no Recife. Homenagem da agremiação carnavalesca “Bloco da Saudade”.

Custe o que custar



“Quando eu dou de comer aos pobres, me chamam de santo. Quando eu pergunto por que eles são pobres, me chamam de comunista!”

“Se a política é fazer que os direitos humanos fundamentais sejam reconhecidos por todos, esta política não é somente um direito, mas um dever para a Igreja.”



Com o presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960), construtor de Brasília.



Com o presidente João Belchior Goulart (1961-1964), na véspera do golpe militar de 31 de março de 1964.

Risco de dificuldades...

“Sempre e em todos os cantos do mundo, se as pessoas querem viver verdadeiramente o Evangelho, existe risco de dificuldades.”



Em Paris (1968), público sempre numeroso seja na Mutualité, seja no Palais des Sports

No cenário político

Nunca foi um político, mas sempre um homem de Igreja. Com relutância e seguindo a ordem de seu bispo, como padre muito jovem, aceitou um cargo no governo do Estado do Ceará.



Com o compatriota nordestino, o general Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967), presidente da junta militar. À esquerda, Dom Fernando Gomes, arcebispo de Goiânia, GO; à direita, Dom Eugênio Sales, arcebispo de Salvador, BA.

O papel dos padres e dos bispos

À frente da Igreja: o primeiro grande acontecimento público de Dom Helder foi o Congresso Eucarístico Internacional de 1955, um interesse tanto da Igreja como do Estado. E à frente da sociedade: a revolução que devia representar o Movimento de Educação de Base (MEB) ou a planificação do desenvolvimento do Nordeste, com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), iniciativa conjunta do Estado e da Igreja. Sob a ditadura militar (1964-1980), os bispos tornaram-se as únicas autoridades que poderiam ainda exercer um certo direito à palavra. De todos aqueles que então emprestaram sua voz aos sem-voz, Dom Helder foi quem pagou o preço mais alto por sua coragem.

De conversão em conversão

A ideia de Dom Helder sobre a missão dos bispos e dos padres em política evoluiu de “conversão em conversão”.

Primeira ideia: É preciso impor à sociedade “uma ordem Cristã”.

Segunda ideia: É necessário trabalhar na humanização da sociedade.

Terceira ideia: É preciso evangelizar a política, interpelando os poderes.

A forte presença de Dom Helder no debate público, sua habilidade, sua formidável audiência, suscitam adversários. Com o intuito de culpá-lo, denegri-lo e difamá-lo, a ditadura impôs-lhe suas armas: a censura radical e a pressão policial sobre sua equipe, chegando até a tortura e o assassinato de um de seus colaboradores mais próximos, responsável pela Pastoral da Juventude: o Pe. Henrique Pereira Neto (1940-1969).

Sonhar e construir Igreja

Reformador e fundador da CNBB

“A Igreja não é sempre tão bela, tão pura, tão corajosa e sincera como ela deveria, e mesmo como ela o quereria ser.”

Dom Helder tinha uma fé inquebrantável na Igreja. Uma fé de criança, mas não ingênua. Ele não deixou de ser fiel ao Evangelho que proclamava. Jamais contestador, foi um grande reformador.

- início dos anos 1950: ainda não era bispo, mas achava que os bispos deviam ser ajudados para trabalhar em conjunto.
- 1952: preside a assembleia de fundação da CNBB da qual foi o secretário-geral durante doze anos. Meio século mais tarde, o episcopado brasileiro ainda guarda a marca de sua inspiração e de sua organização.



No Rio, em 1952, Dom Helder preside a assembleia de fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB.



Sendo conduzido da Domus Mariae, local de residência dos bispos do Brasil, em Roma, para uma das sessões do Concílio na Basílica de São Pedro.



Conferência em Roma, durante o Concílio.

“Nós, os homens de Igreja...”

Durante o Concílio Vaticano II, Dom Helder não tomou uma só vez a palavra em plenário. Mas sua influência foi considerável. Ele multiplica as iniciativas que lá, ainda, permitiram aos bispos vindos de todas as partes do mundo de se conhecerem, de refletirem e de decidirem juntos. Ele foi também, e talvez sobretudo, um dos mais determinados promotores e atores do grupo de bispos da assim chamada “Igreja dos Pobres”, além de animar a articulação das Conferências episcopais dos cinco continentes, no grupo apelidado por Dom Helder de “Ecumênico”.

“Se eu não me engano, nós, os homens de Igreja, deveríamos realizar dentro da Igreja as mudanças que nós exigimos da sociedade.”



Dom Helder com o cardeal Suenens, da Bélgica, moderador do Concílio.

Encontro de irmãos

Ao assumir a Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Helder quis dar vida ao seu sonho. Ele se apoiou no seu auxiliar, Dom José Lamartine, deixando a lembrança de uma confiança positiva que encorajava e acompanhava as iniciativas; de uma presença e de um acolhimento sempre disponível e fraternal. Um dos frutos mais fecundos de sua pastoral é o movimento “Encontro de irmãos”, que se desenvolveu até reagrupar vários milhares de cristãos dos bairros pobres.

Dom Helder dizia: “Encontro de irmãos são os pobres evangelizando os pobres”.

Sonhar e fazer Igreja

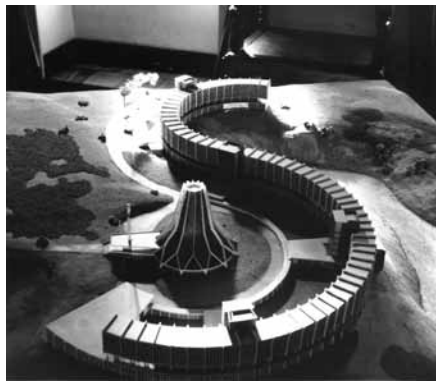


1989: 80 anos, 58 anos como sacerdote e 34 como arcebispo.

Paulo e Pedro

“Ser irmãos no Senhor e na Igreja não é ser exatamente semelhante, como gêmeos perfeitos. É se ajudar mutuamente, com total confiança, para preencher as tarefas diferentes que o Senhor nos confiou. Para o Papa, é ser Pedro, que consolida a fé da Igreja e que decide. Para um bispo como eu, é de preferência ser Paulo, que leva para Pedro as questões do mundo e da Igreja.”

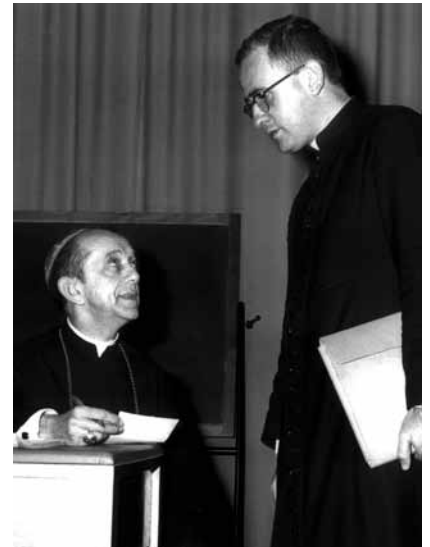
Dom Helder tinha a total confiança de João XXIII. De João Paulo II, ele recebeu uma saudação pública que lhe pareceu mais do que o prêmio de um chapéu cardinalício: “Dom Helder, irmão dos pobres e meu irmão!”. Com Paulo VI, a quem o ligava uma amizade de vinte anos, ele conheceu várias crises de dúvida.



Um seminário fechado

À sua chegada ao Recife, concluíam-se a construção de um seminário regional faraônico. Dom Helder desejava vendê-lo. Quase todo mundo, notadamente Roma, opunha-se.

Rapidamente o seminário revelou-se inviável e foi fechado, em proveito de uma formação inserida, com os seminaristas vivendo em pequenos grupos em bairros populares e reencontrando-se para as aulas no Instituto de Teologia do Recife (ITER). Por decisão de seu sucessor e da cúria romana, esta formação não sobreviveu a Dom Helder, assim como outras opções pastorais, que sofreram incessante campanha de suspeição e de denúncias.



Com Dom José Lamartine, bispo auxiliar: Dom Helder esperava que ele o sucedesse.



Com João Paulo II.



Com o cardeal Montini, futuro Paulo VI, numa favela do Rio de Janeiro.



Com João XXIII.

O Dom do Amor



Nas ruas do Recife, homenagem a Dom Helder: “O Dom do Amor”, em 1989.



No Palácio Episcopal do Recife, Dom Helder recebe os pobres atendidos pelo Banco da Providência.



Em 1989, Dom Helder inaugura a casa da Operação Esperança, como “a casa dos pobres”.

As vítimas da miséria

Dom Helder: “O Abbé Pierre da América Latina”? Eles tinham em comum a alma franciscana. Os sem-teto de Dom Helder eram os “favelados”: os habitantes dos aglomerados de barracos do Rio de Janeiro, inicialmente, e do Recife, em seguida. Para os primeiros, no fim dos anos 1950, ele mobilizou o que chamou de Cruzada de São Sebastião: em terrenos obtidos com dificuldade na cidade, ele construiu imóveis sólidos para alojar as famílias dos desabrigados. No Recife, organizou a Casa de Frei Francisco, que acolheria os sem-teto com a ideia de lhes oferecer os meios de uma reinserção social. Hoje, acolhe as crianças e adolescentes de áreas de risco, com os mesmos objetivos.



Com a Operação Esperança, Dom Helder quis criar para as comunidades urbanas e rurais (como nos engenhos Taquari, Ipiranga e Guaretama – PE) espaços e meios de o povo “tomar nas mãos seu próprio destino”.

Se São Vicente voltasse...

“Um dia, era a festa de São Vicente de Paula. Eu tentei dizer que o importante não é lembrar o que Vicente de Paula fez... Hoje, o que faria São Vicente? Quais seriam as principais manifestações de sua caridade? Então eu disse: ‘A caridade de São Vicente hoje seria fazer justiça’.”

A promoção humana

Para as maiores vítimas da miséria, Dom Helder criou o Banco da Providência. No Rio primeiro, onde ainda subsiste, e depois no Recife, no que foi (e é novamente) o Palácio Episcopal. É uma forma de socorrer pessoas na miséria que podem receber meios para sobreviver. Por seu carisma e por seu notável círculo de relações e de amizades, Dom Helder sabia mobilizar as pessoas, as empresas e os poderes públicos para assegurar e refazer o “capital” do Banco da Providência.



Casa de Frei Francisco, construída no Recife para acolher os moradores de rua, hoje acolhe 130 crianças pobres de áreas de risco.



Os edifícios da Cruzada São Sebastião são construídos no Rio de Janeiro (RJ) para as famílias das favelas.



No Recife, as favelas ficam em alagados, com mocambos e palafitas à margem do rio.

Testemunha de dia

Helder: sem nuvens...

“Quando eu nasci, como meu pai não tinha preocupação religiosa, procurou no dicionário um nome para mim. Encontrou: ‘Helder, forte no norte dos Países Baixos’, e decidiu que seria o nome do seu filho. Mais tarde, no seminário, professores holandeses me explicaram que na Holanda, quando o céu está sem nuvens, se exclama: ‘Há um belo céu, helder. Sem nuvens!’. Eu gosto disso: sem complicação...”



Dom Helder dava a impressão de não ter jamais agenda, de ter todo o seu tempo disponível para os assuntos dos outros, previstos ou imprevistos. Eram para ele os assuntos de Deus.

Dom Helder nunca teve carro ou motorista. No caminho para o Palácio dos Manguinhos, onde recebia o povo, havia sempre alguém que o reconhecia e o convidava a subir. Eram ocasiões para as trocas de notícias, ideias e até de confidências.



Na sua vida cotidiana, onde quer que estivesse, Dom Helder era um personagem extraordinário de simplicidade, de fraternidade, de disponibilidade, de atenção aos outros, de presença, de confiança... de autenticidade, de transparência na fé que o animava.



Manguinhos, Avenida Rui Barbosa, no Recife: “O chamado Palácio Episcopal...”. Dom Helder habitou ali por quatro anos. O tempo que ele precisava para que sua escolha de não viver como um príncipe da Igreja, ou um notável, não chocasse nem ferisse inutilmente: ele não gostava de caminhar sozinho, sem a Igreja.



12 de março de 1968, Dom Helder deixa o Palácio para habitar, até a sua morte, em uma simples dependência da igreja das Fronteiras, na Rua Henrique Dias. Na frente, um pequeno “jardim”. Até hoje, os visitantes, brasileiros e estrangeiros, se espantam com a simplicidade de sua casa.



Uma porta lateral dá acesso às dependências da histórica igreja “das Fronteiras”, restaurada após a morte de Dom Helder.



Sobre sua mesa de trabalho, livros, uma foto do cardeal Suenens, uma medalha de São Vicente de Paula, dois pequenos animais de louça...

A sala: o lugar da “recepção” onde as conversações se sucediam.

Ao fundo, a rede indispensável e familiar a todo nordestino. A janela dá para o jardim de um convento de Filhas da Caridade, que cuidavam das refeições do bispo.



Sem humildade e sem amor...

“É necessário viver a religião, não só representá-la.”

Comunicando-se com a sua humilde casinha, funciona as “Obras de Frei Francisco”. É uma associação civil sem fins lucrativos, criada para zelar pelo legado espiritual, social e cultural de Dom Helder, na fidelidade a seu espírito. Ela foi dirigida por Maria José Duperron Cavalcanti, Zezita, que foi sua secretária durante trinta e cinco anos.

Após sua morte, esta associação mudou o nome para Instituto Dom Helder Camara – IDHeC –, com os mesmos objetivos, procurando divulgar as mensagens de Dom Helder e mantendo o trabalho na Casa de Frei Francisco. Vizinho à Igreja das Fronteiras, funciona o CEDOHC – Centro de Documentação Helder Camara, que reúne todo o acervo documental e literário deixado por ele.

Alguém bateu à minha porta

“Um dia, alguém bateu à minha porta. Era um pobre. Interrompeu-me a meditação sobre os discípulos de Emaús: Como não puderam eles reconhecer o Cristo?... Mas o mesmo aconteceu comigo ao despedi-lo depressa com uma pequena esmola.”



Quem bate à porta é recebido pelo próprio Dom Helder. Frequentemente são pessoas desconhecidas e pobres que sabem que ele não os deixará sem socorro. Um dia (na época da ditadura militar), recebeu um homem que lhe confessou ter sido pago para matá-lo.



“A consagração – que se prolonga ao longo de todo o dia – lembra-me quanto é vivo e santo tudo que sai de Tuas mãos!”

Vigilante na noite

Mergulhado em Deus

O repouso, a força e a inspiração de cada dia, Dom Helder os tirava da sua vigília e da missa.

Da vigília, ele conta: “Desde o seminário, eu adquiri o hábito de me levantar às 2 horas da manhã. Coloco meu despertador e estou então muito cansado. Mas é neste exato momento que eu refaço a unidade. Durante o dia, eu me doo em todos os sentidos... É necessário refazer a unidade. Refazer a unidade no Cristo, sobretudo.”

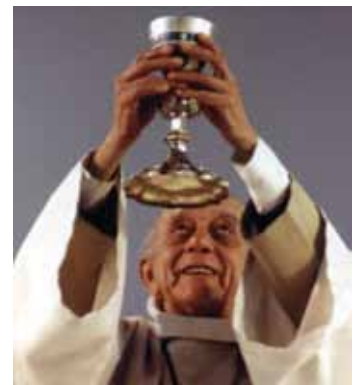
É a hora onde ele revê com o Cristo toda a sua jornada e os seus encontros do dia anterior, e também planeja os do dia seguinte. É a hora em que lê e escreve suas conferências, redige suas cartas. É a hora em que “mergulha em Deus”, para se tornar um com Ele.



A missa

Dom Helder rezava a missa lentamente, com toda simplicidade, como se estivesse conversando com o Cristo, a Virgem, os santos.

“Cada manhã, ao fim da missa, eu contemplo o mundo com a alma de um colegial em férias e tenho vontade de gritar àqueles que se esgotam na agitação da vida cotidiana: irmãos, hoje é feriado universal.”



O pão de cada dia

Na parede da casa da comunidade de Tururu estava escrito: “O Senhor é meu Pastor, nada min (sic) faltará”. Dom Helder precisava de muita fé para rezar esse salmo...



No dia 25 de setembro de 1981, ele escreveu esta prece que apresentou na Rádio Olinda:

*“Pai Celeste!
Como escutas o pedido
do pão de cada dia
da parte dos que temos
pão garantido
para o ano todo
e até para toda
a vida?”*

*Como escutas o pedido
do pão de cada dia
da parte dos que, tantas vezes,
veem o dia acabar,
sem que chegue o pão!?...*

*O grave é que
se temos pão
para o mês inteiro,
para o ano todo,
ou para toda a vida,
é porque direta
ou indiretamente
tiramos o pão de cada dia
da boca de muita gente!*

*Pai, que a ninguém falte
o pão de cada dia!*

Amém!”

“Ecce Homo”



“Um olhar sobre a cidade”: era o título do programa de Dom Helder na Rádio Olinda.



“As pessoas te pesam? Não as carregue nos teus ombros: tome-as em teu coração.”

“Há a Eucaristia do Santo Sacramento: a presença viva do Cristo sob as aparências do pão e do vinho.

E há uma outra Eucaristia, a Eucaristia do pobre: aparência de miséria? Realidade do Cristo!”



Severino, filho de Severino, sobrinho de Severino...

No primeiro dia de sua chegada a Recife, Dom Helder disse o que pensava do fundo da sua fé:

*“Se bem que, para alguns, isso possa parecer estranho, eu afirmo que, no Nordeste, o Cristo se chama José, Antônio, ou Severino... *Ecce Homo!* Eis o Cristo, eis o homem! O homem que precisa de justiça, que tem direito à justiça, que merece a justiça.”*



Severino, filho de Severino, sobrinho de Severino...

Irmão de sangue

Certo dia, Dom Helder enviou um homem pobre, desempregado e maltrapilho, a um pequeno empresário amigo, pedindo que o contratasse, apresentando-o como seu irmão de sangue. Diante de sua incredulidade e estupefação, o Dom responde:

- Desculpe meu amigo, mas João é verdadeiramente meu irmão...
- Mas o senhor disse: irmão de sangue...
- Sim, ele é verdadeiramente meu irmão de sangue. Pois Cristo deu o seu sangue por ele como por mim, por você e por todos os homens. Nós somos todos verdadeiramente irmãos de sangue, pelo sangue do Senhor...

Contra a violência número 1

Do efeito às causas

O “insulto ao Criador” deve ser reparado: Dom Helder mobiliza na cidade do Rio de Janeiro a Cruzada São Sebastião, para alojar humanamente os favelados, mas os barracos se repovoam mais depressa do que se esvaziam. “Sem reformas é impossível superar o obstáculo do subdesenvolvimento... Sem reforma agrária, a miséria quase desumana dos trabalhadores rurais persistirá.”

A miséria, insulto ao Criador



Desamparo dos sem-teto.



Fortaleza à beira-mar.



O abandono das crianças de rua.

Em 1955, diante da esplêndida Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, o Congresso Eucarístico Internacional se reúne e é uma manifestação entusiasmante. Dom Helder, arcebispo auxiliar ainda muito jovem, era o grande organizador.

A bomba M

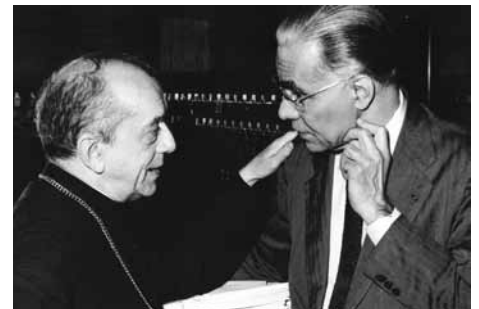
As tensões ideológicas da Guerra Fria tornam viva a impaciência dos pobres e endurecem a resistência dos ricos às reformas. A violência eclode por toda parte na América Latina. Toda a atenção de Dom Helder se volta para o que ele chama “violência número 1”.

Nos anos 1930, Dom Helder pensava que o comunismo era a maior ameaça a ser enfrentada. Em 1960, não acredita mais nisso:

“Existe uma violência instalada na América Latina: a violência de pequenos grupos privilegiados que mantêm milhares de filhos de Deus numa situação infra-humana...”.

“Muitos governos da América Latina, algumas vezes sem o saber e sem o querer, prepararam a explosão da pior das bombas nucleares, pior que a bomba A: a bomba M, a bomba da miséria...”

Com Josué de Castro, autor do livro Geografia da fome: “a pobreza tem causas estruturais”.



Com o pe. Lebret, autor de Economia e humanismo: “para a promoção do homem todo e de todos os homens”.



“A violência número 1 é a injustiça. Depois vem a revolta contra a injustiça, e esta é a violência número 2. E, então, a repressão da revolta: esta é a violência número 3. Mas a violência número 1 é a injustiça.”

Dom Helder toma atitudes proféticas para denunciar a “desordem estabelecida”, as “injustiças estruturais”, as “estruturas de pecado”, das quais falaria João Paulo II na encíclica *Sollicitudo rei socialis*.

Pela não-violência ativa

Como Gandhi e depois como Martin Luther King, Dom Helder acredita no poder da não-violência para conseguir criar um mundo mais justo e humano. Por razões, ao mesmo tempo, evangélicas e estratégicas. Mas seu “pacifismo” não é “passivismo”. Não se contenta com a placidez das águas paradas. É a favor da “Pressão moral libertadora”.

A paz enganosa

“A não-violência não é de forma alguma uma escolha da fraqueza e da passividade. É crer mais na força da verdade, da justiça e do amor do que nas forças das guerras, das armas e do ódio.”

“A única guerra legítima é aquela que se faz contra o sub-desenvolvimento e a miséria.”

“Eu não gosto muito da palavra ‘não-violência’. Eu prefiro mil vezes a expressão de Roger Schutz: ‘A violência dos pacíficos’.”



Em 1970, no Recife, Dom Helder firma um “pacto” com Ralph Abernathy, sucessor de Martin Luther King, o líder negro pacifista norte-americano, assassinado.

No Recife, com meninos de rua. “É todo um esforço de trabalhar para colocar de pé a pessoa humana!”



“Não procurar vencer, mas convencer.”



Numa comunidade, a preparação da mandioca: “Um centro comunitário é, verdadeiramente, a casa comum das pessoas que tomaram seu destino nas próprias mãos”.

Colocar o homem de pé

“Parece-me evidente que o que se pode alcançar pela doçura, bondade, mansidão, não se pode obter pela violência. Os pais sabem bem disso, por exemplo, pois veem o que ajuda os seus filhos a crescer...”



Pelas estradas do mundo



Seus amigos conheciam sua fragilidade.

Este mapa não pretende ser exaustivo. Dá uma ideia do renome internacional de Dom Helder. Ele recebia até oitenta convites por ano e aceitava menos de dez e somente para países livres. Por toda parte, audiências enormes o esperavam e o aplaudiam. Ele tinha sua maneira própria de se proteger contra a vaidade: “Pode haver o perigo de perder a cabeça quando o povo, na sua simplicidade, começa a lhe considerar como um homem extraordinário, como um santo”. Ele se dirigia ao Cristo dizendo: “Senhor, é tua entrada triunfal em Jerusalém! Sou apenas o burrinho em que fazes tua entrada... E é verdade!”



Nos aeroportos, era raro que não fosse reconhecido e saudado.

Dom Helder não procurava honrarias. Não as recusava, entretanto, se pudessem “ajudar a marcha das ideias, nos conduzindo a um mundo mais justo e mais humano”. As doações que recebia por ocasião de suas viagens lhe permitiram desenvolver a Operação Esperança. Recebeu mais de quarenta doutorados *Honoris Causa*; mais de trinta títulos de cidadão de honra de muitas cidades, como Rocamadour (França), e outros vinte e cinco prêmios.



A indicação para o Nobel da Paz não foi acolhida...

...mas Dom Helder recebeu, em Oslo, o Prêmio Popular da Paz.



No auge da perseguição que sofria no Brasil, Dom Helder interessou-se pela petição internacional que apresentava sua candidatura ao Nobel da Paz. O júri de Oslo, pressionado pelo governo do general Médici, não lhe outorgou o prêmio. Organizações cristãs e populares da Escandinávia e da Alemanha concederam-lhe, então, o Prêmio Popular da Paz. Era o ano de 1974.

Atrás das cortinas do palco da Mutualité, em Paris, ouve-se o ruído de uma enorme multidão.



Em 1975, na Sorbonne recebe mais um doutorado Honoris Causa.



Vista sobre Paris, da Torre Eiffel, com sua secretária por 35 anos, Maria José D. Cavalcanti (Zezita).

A voz dos sem-voz

Onde estão as câmeras

Dom Helder, independentemente do cenário, era de uma extraordinária presença, de uma excepcional desenvoltura diante de microfones e câmaras.

Ele falava sobretudo com as mãos, com os braços, com todo o seu corpo. Sempre em pé e com uma sinceridade que provocava imediata adesão dos corações.



“Estágio” amigável à Escola de dança de Béjart.



Nunca se recusava a falar com os jornalistas.

Dom Helder não se enganava acerca de sua imagem ultramidiática. Ele retomava com bom humor a caricatura dos seus detratores:

“A cena acontece à porta do paraíso. São Pedro, gentilmente, convida Dom Helder a entrar. Mas Dom Helder espera. São Pedro insiste. Dom Helder não se mexe, mas pergunta: ‘Onde estão as câmeras?’”.



Com Maurice Béjart, uma colaboração que interessava aos dois.

Lázaro hoje

No Evangelho de Lucas, Jesus conta a história do pobre Lázaro, ignorado durante toda a vida por um homem rico. Segundo Dom Helder, não se pode mais ignorar os Lázaros de hoje:

Os sem-teto sem voz: “Aquele que não tem casa, que mora num casebre, num barraco, fica sem voz: Ele fala, mas não é escutado”.

Os famintos sem voz: “É necessário ver, nas cidades do mundo pobre e nas zonas pobres do mundo rico, mulheres, crianças, por vezes homens mesmo, catando comida nos lixões... A fome chega a criar distorções físicas, mentais, morais. Mas a fome alimenta, sobretudo, o mutismo”.

Os analfabetos sem voz: “Como não compreender o mutismo, a inferioridade dos analfabetos, diante de gerentes maliciosos e de advogados espertos demais?”.

Subempregados sem voz: “Mesmo nos países ricos, há subempregados. Frequentemente eles vêm de países estrangeiros, sem visto permanente. Muitas vezes, não são brancos”.



Uma cena da Missa para o Tempo Futuro, no Palácio do Congresso, em Paris, 1984.



No palco do Palais des Sports, em Paris, 27.5.1970.

des Robots ne reconnaissent sans le dire,
qu'ils exécutent, sans pouvoir penser...
Ils se moquent des Orateurs,
qui, faisant semblant d'être intelligents,
n'arrivent à être
que des Robots sophistiqués,
entre les mains de l'homme...
Mais le plus important à traduire
c'est le rêve et la souffrance
que les Robots ne sont pas capables d'avoir...
Ils aimeraient à pouvoir aimer
à peut-être se marier,
et à arriver au bonheur suprême
d'avoir des enfants...

Fragmento do manuscrito de Dom Helder para a Missa para o Tempo Futuro, de Béjart.



Dom Helder, numa de suas conferências.

Ricos, meus irmãos!

“Não é fácil manter num corpo de Cadillac uma alma de Jipe...”

“É muito fácil, mesmo sem querer, passar ao lado da pobreza, da miséria...”

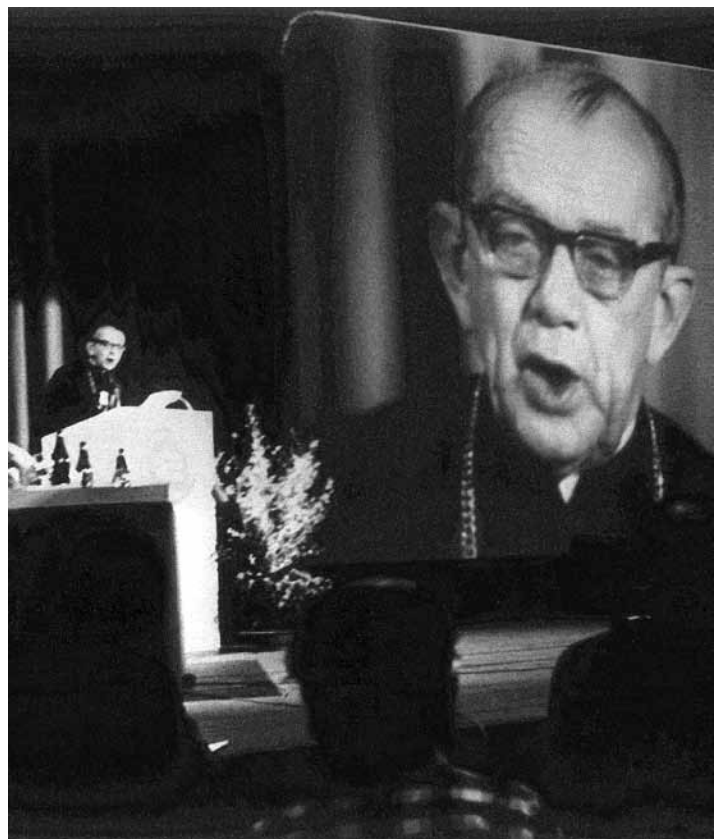
“É verdade: pode-se ajudar o terceiro mundo dando-lhe sua vida, vindo viver e trabalhar aqui. Mas é cada vez mais verdade que as mudanças só começarão verdadeiramente entre nós quando as coisas mudarem do lado de vocês.”

Raízes do mal

“Não se deve esquecer que, se a miséria e a injustiça são ainda mais insuportáveis no terceiro mundo, as maiores raízes do mal estão no coração, nos interesses e nas práticas dos países ricos, com a cumplicidade dos ricos dos países pobres.”

Desumanizados pelo egoísmo

“Nós devemos ter a caridade de ajudar os ricos a se livrarem do egoísmo, do excesso de conforto e da aceitação do que é efêmero; enfim, do perigo de escandalizar nossos irmãos não-cristãos, passando-lhes uma ideia errônea do Cristo e da sua doutrina.”



Em 1974, Dom Helder foi convidado a falar no Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça), a meca do liberalismo.

Libertar o Evangelho

Na noite de 26 para 27 de abril de 1971, Dom Helder escreveu esta meditação: “Você pede água à samaritana...”

Liberta-nos da pretensão de sermos os donos do poço. Ensina-nos a pedir, em vez de sempre dar. Não nos deixe impor a água de nosso poço a quem não quer dela beber”.

“Será uma surpresa quando os cristãos, os católicos, virem que não são os únicos a entrar na casa do Pai... Porque o coração do Pai é muito maior do que o registro de todas as nossas paróquias, e que o espírito do Pai sopra por toda parte, mesmo lá onde os missionários ainda não desembarcaram!”

Conosco, sem nós ou contra nós

Dom Helder não era um “teólogo da libertação”. Em primeiro lugar, porque não se considerava um teólogo. Para ele, evangelizar era ao mesmo tempo libertar do pecado – o egoísmo – e das consequências do pecado – a injustiça e a miséria.

A Teologia da Libertação foi a prática de vida de Dom Helder entre os pobres.

“As massas deste continente abrirão um dia os olhos, conosco, sem nós ou contra nós... Ai do cristianismo no dia em que as massas tiverem a impressão de terem sido abandonadas pela Igreja, tornada cúmplice dos ricos e dos poderosos.”

“A religião anunciada a homens sem liberdade torna-se necessariamente uma religião fatalista e mágica.”

Dom Helder era uma pessoa muito convicta da necessidade dos diálogos inter-religiosos, a começar pelo diálogo ecumênico.

“Chega!”

“Chega de uma igreja que quer ser servida; que exige ser sempre a primeira; que não tem o realismo e a humildade de aceitar a condição do pluralismo religioso!”

O Cristo basta!

“Jesus disse que ele é a porta do aprisco, do redil. Então, por que temos tantas vezes a tentação de sermos nós mesmos a porta?... É necessário que se passe através de nossa porta, de nossas definições, de nossas linguagens! Mas não! O Cristo basta! Basta uma porta, o Cristo!”



Em Kioto, no Japão, por ocasião de uma Conferência das Religiões pela Paz.



1965. Dom Helder foi um dos principais mentores da criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Treze anos mais tarde, em 1978, em Medellín (Colômbia), na sua II Conferência Geral, os bispos assumiram solenemente “a opção preferencial pelos pobres”.



“Sentado à beira do poço...”: numa página em branco do livro de Olivier Clément, “Diálogo com o Patriarca Atenágoras”, Dom Helder escreve uma prece.



Nos Estados Unidos, com o Dalai Lama, em 1973.



Durante o Concílio (1962-1965), em Roma, com o prior de Taizé, Irmão Roger Schutz.

“Continuo um homem de esperança”



“A esperança que o Pai nos dá por seu Filho e seu Espírito.”

Jovens, avante!

“Deus ama os jovens!”

Dom Helder também amava os jovens. E os jovens lhe retribuía bem: eles aplaudiam em massa sua coragem e sua sinceridade.

“Recife, 21 de maio de 1970

Jovens, meus amigos e meus irmãos.

Será exagero quando eu penso em vocês e discuto com os adultos a propósito de seus gestos e de suas intenções?

Parece-me que, neste dado momento, passou um sopro do Espírito por sobre a juventude do mundo inteiro. E, então, vocês jovens, nos provocaram a indignação contra tudo isto que existe de desumano, de falso, de dissimulado, de hipócrita. Evidentemente, vocês têm suas fraquezas: mas vocês têm fome e sede de autenticidade.

Falando a jovens ingleses, mas pensando na juventude de todas as raças e de todos os países, eu disse que vocês combatem os sete pecados capitais da hora presente: o colonialismo, o racismo, a guerra, o paternalismo, o farisaísmo, a alienação e o medo.

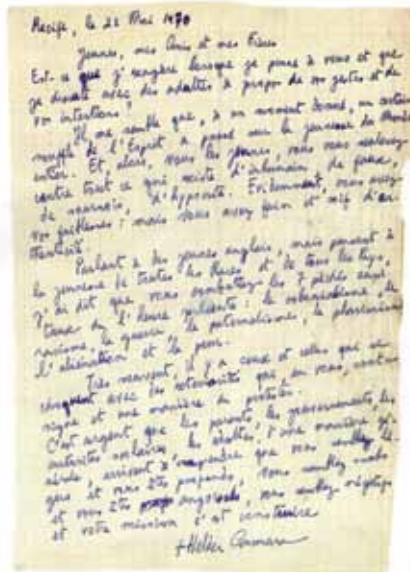
Muito frequentemente, há aqueles que se chocam com as exterioridades que, em vocês, são um sinal e uma maneira de protestar.

É urgente que os pais, os governos, as autoridades escolares, os adultos, de uma maneira geral, cheguem a compreender que vocês parecem sem densidade, mas são profundos, vocês parecem esnobes, mas são angustiados, vocês parecem negativos, mas sua missão é construir.”

† Helder Câmara



Lançada por Dom Helder, a campanha “Ano 2000 sem miséria” prossegue seu caminho: “A utopia é a mola da história.”



Carta aos jovens. Em 1970, na época mais quente da efervescência da juventude, por toda parte, no mundo,

Dom Helder dirigiu “Aos jovens, meus amigos e meus irmãos”, esta carta em francês.

A exemplo de Abraão

“Se, antes mesmo de conhecer o Cristo, Abraão teve a audácia formidável e fecunda de esperar contra toda a esperança, como não teríamos nós a confiança de esperar com toda a esperança que o Pai nos dá por seu Filho e seu Espírito? Verdaderamente, isto seria incompreensível!”

Segundo minha fé

“Segundo minha fé, o universo é obra de um Deus que é Pai. Logo, é uma obra de amor. Como poderia o ódio ter a última palavra? No tempo dos Faraós, o Senhor escutou o clamor de seu povo. Não escutaria os homens de hoje, se gritarem por ele?”

Crer no homem

“Crer no homem não é nem um erro nem um pecado. Deus também crê no homem!”

Privilégio dos crentes?

“Não. A partilha da esperança não exige a partilha da fé. Simplesmente, os crentes têm uma responsabilidade maior.”

Com os pobres

“Não são os pobres que devem compartilhar minha esperança. Sou eu que tenho que compartilhar a deles. Eu aprendi muito daqueles que são chamados de pobres, mas que são ricos do espírito do Senhor.”

Viva a utopia!

“Não é preciso nunca ter medo da utopia. Gosto muito de repetir: Quando se sonha só, é apenas um sonho, mas quando se sonha com muitos, já é realidade. A utopia partilhada é a mola da história.”

“A pior coisa que se pode tirar de um jovem são as razões para ter esperança. Tenham a coragem de lutar, para que elas lhes sejam devolvidas. E não somente de lutar: de se sacrificar, se necessário for.”

Coragem! A noite traz a aurora



Pierre Kaelin, compositor e maestro; Dom Helder recitando; Mannick, solista, com John Littelton: a Sinfonia de Dois Mundos na igreja da Madeleine, em Paris, 1983.



Mais de trinta vezes, até 1989, e em dez países, Dom Helder dialogou com a orquestra e os coros: cada vez era como se fosse a primeira, com a mesma emoção comunicativa.

A la Veille de l'An 2000

L'audace du Créateur
Si j'étais à ton côté, Seigneur,
avant la Création,
j'aimerais à T'aider
(Tu es tellement humble !),
si un quelque doute
menaçait
de T'amener
à ne pas créer...
Je Te dirais:
- C'est vrai, Seigneur,
hors de Toi-même,
la Création
briserait l'unité !
Elle sera,
nécessairement,
multiple,
finie, bornée, imparfaite...
N'hésite pas, Seigneur !
Le courage de créer
attestera pour toujours
Ton audace
et Ton humilité !...
Surtout,
ne doutes pas
d'arriver
au maximum
et de Ton humilité
et de Ton audace :

À vigília do ano 2000": em sua vigília da noite de 13 para 14 de junho de 1979, Dom Helder escreveu em francês uma longa "meditação" que se tornaria o texto da Sinfonia de Dois Mundos.
Manuscrito da letra da Sinfonia.

De uma conferência a outra, de um livro a outro, é sempre a mesma visão, algumas vezes dramática e esperançosa do diálogo incerto do Deus criador com o homem cocriador, da liberdade e da graça.

No texto da Sinfonia de Dois Mundos, Dom Helder oferece, de certo modo, uma síntese de sua mensagem. O resumo aqui apresentado foi tirado do número especial da revista *Fêtes et Saisons* (maio de 1991): "Com os pobres, Dom Helder Camara".

“Senhor, não eras forçado a criar o mundo.

Podias saber que dar a vida e a liberdade a criaturas seria uma aventura cheia de riscos. Tu, o Único, deverias contar com as multidões, divididas e opostas entre si. Tu, o Perfeito, deverias contar com a imperfeição. Tu, o Eterno, deverias contar com a morte. Tu, o Criador, deverias contar com os cocriadores...”

“Não eras forçado a criar o mundo e os homens.

Escolheste, entretanto, criá-los. Ah! Que formidável exemplo de audácia e de humildade! Parabéns, Senhor! Obrigado Senhor! Só tu, para ires tão longe. Vai, Senhor, vai! E coragem!”

Homem, meu irmão, a criação inteira te contempla...

Um pouco invejosa? Meio curiosa? És o eleito do Criador. E eis que vais mais longe, na linha da inteligência emprestando tua inteligência a serviço do computador. E no mundo das estrelas, te tornas viajante em novos navios...

E eis que vais mais longe na linha do egoísmo!

Tão longe que te mostras indigno da preferência maravilhosa, e quase escandalosa, que o Senhor te manifestou.

E o Senhor, em lugar de condenar-te, em lugar de esmagar-te,

enviou seu Filho único a este grão de poeira: a Terra. Que fizeste da Ásia? Que fizeste da África, campos de fogo e de lágrimas?... Que fizeste dos dois terços da América Latina, oprimidos e feridos? Que fizeste dos pobres que estão dentro dos países ricos? Que fizeste dos parias, os mais pobres dos países pobres? Eles gritam por ti. Tens medo de suas vozes?

Olhe à frente este grande rio de ódio

que sobe da planície e que te destruirá inteiramente. Olha ao teu redor. Olha no fundo de ti mesmo. A miséria e o ódio ameaçam explodir. Não os ouve?

Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir

descobre, ainda, sinais de esperança. Parecem pequenos estes sinais, talvez ridículos.

Mas quando Deus ajuda os Davis, estes fazem tombar os Golias. E quando ajuda as crianças, elas fazem tremer os gigantes.

É o espírito do Senhor que sopra

onde ele sopra, inspira nos países industrializados a mobilização das boas vontades. Cada um de seu lado, cada um em seu caminho, quer ajudar a criar um mundo mais respirável, mais justo, mais humano.

Sim, abre os olhos, abre os ouvidos...

O espírito do Senhor sopra sempre. Ele diz que o amor é mais forte que o ódio. Que o amor vencerá o ódio...

É verdade, Senhor, é meia-noite no mundo. Noite escura...

Mas como esquecer que tu, o Filho de Deus, quisestes nascer justamente à meia-noite?

Se tivesses medo das sombras, terias nascido ao meio-dia. Preferistes a meia-noite! Aos teus irmãos de sombra, dizes hoje: refaçamos o mundo, saiamos da noite!

Mais negra é a noite, mais distante parece a aurora.

O ontem caiu no esquecimento e o hoje não existe ainda. A esperança é como tinta seca no fundo de um tinteiro.

Mas todos nós sabemos muito bem: a noite traz consigo a aurora.

Quanto mais escura é a noite, mais brilhante será a aurora.

No meio da noite, vimos a sombra abrasar-se.

Ouvimos o grito de um recém-nascido.

Era o primeiro Natal. E desde sempre, o Espírito sopra entre os homens no meio da noite.

Homem, meu irmão, e vocês crianças,

que sereis os homens do ano 2000, coragem!

Obrigado, Dom Helder

“Eu queria ser uma humilde poça d’água para refletir o céu...”



Dom Helder Camara morreu na noite de 27 para 28 de agosto de 1999, de uma crise de insuficiência respiratória. Desde o momento de seu falecimento, dezenas de milhares de pessoas testemunharam que ele permanecia vivo em suas memórias e em seus corações, apesar de ter-se discretamente afastado havia quinze anos.

Na catedral de Olinda, o túmulo de Dom Helder.

Em resumo: o Evangelho vivido

Dom Luciano Mendes, arcebispo de Mariana:

“Dom Helder percorreu o mundo para pregar o fim da violência e do racismo, o fim das guerras e das desigualdades sociais. Ele mostrou o absurdo de se gastar com as armas dinheiro que seria suficiente para alimentar as multidões do terceiro mundo. Ele chamou ao respeito devido à natureza, aos direitos à vida e às exigências da justiça. Soube despertar nos jovens a vontade de viver e de fazer o bem. Comunicou a muitos corações a fome e a sede de Deus. Sabia unir na mesma amizade pobres e ricos. Ele não criticava ninguém.”

Cardeal Danneels, arcebispo de Malines – Bruxelas:

“Dom Helder, por sua palavra e seu exemplo, deu a milhões de pobres e oprimidos a força de se levantarem e de andarem.”

Monsenhor Gilson, arcebispo de Sens-Auxerre e bispo da Missão de França:

“Um verdadeiro profeta. Dom Helder foi um grande testemunho da Igreja servidora e pobre.”

Jean-Claude Petit, em La Vie:

“Este político, diria Charles Péguy, era antes de tudo um místico.”

Bernard Jouanno, no Pèlerin magazine:

“Dom Helder foi uma grande testemunha do século XX. Sua voz pode iluminar aquilo que vem. Vamos escutá-la.”



Com o papa João Paulo II.

Jornal Le Monde:

“Célebre e controverso, ele era pura e simplesmente, como quer o Evangelho, o amigo dos pobres.”

Alceu Amoroso Lima:

“[Propus] que ao texto [a ser enviado ao Sínodo pelo plenário da Pontifícia Comissão Justiça e Paz] em que figuravam os nomes de Ghandi e de Luther King se acrescentasse o de Helder Camara. Temia alguma reação, tal a campanha de difamação com que, no Brasil, conseguiram evitar que o Prêmio Nobel da Paz fosse, pela primeira vez, atribuído a um brasileiro. Mas, pelo contrário, foi essa a única proposta recebida com aplausos. Os profetas só são reconhecidos fora de sua pátria, como os Evangelhos nos dizem e como a experiência da história o confirma.”

Leonardo Boff:

“Dom Helder, mais que pastor e profeta, foi um homem inteiro. Nele a humanidade reluzia na sua forma mais eminente. A inteireza humana se revela pelo coração. Seu coração tinha as dimensões do mundo. Foi o coração que o levou a amar incondicionalmente as pessoas, a natureza, o mundo e Deus. Demonstrava enternecimento para com cada pessoa que encontrava. Mas especialmente demonstrava ternura pelos pobres que abraça como irmãos e irmãs.”

O abraço de Recife

Chegando ao Recife, em 1980, o papa João Paulo II vê Dom Helder adiantando-se para acolhê-lo na descida do avião. Há quinze anos, o arcebispo é tratado em seu país como um subversivo e suspeito, até em sua Igreja. Diante de todas as autoridades e das câmeras, o Papa o toma em seus braços: “Dom Helder! Irmão dos pobres e meu irmão!...”. Um ano depois, para os cinquenta anos de sacerdócio de Dom Helder, João Paulo II, completará seu testemunho: “Deus e os irmãos foram para você os dois pólos de um mesmo arco que lança a faísca luminosa do amor”.



“Mas eu não fui embora:
Só mudei de paróquia!”
(Desenho de Lailson,
Jornal do Commercio, Recife-PE).

Bibliografia de Dom Helder em português

Revolução dentro da paz. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Um olhar sobre a cidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 (6. ed. 1985).

Mil razões para viver: meditações do Pe. José. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (7. ed. 1985).

Nossa Senhora no meu caminho: meditações do Pe. José. São Paulo: Paulinas, 1981 (5. ed. 1988).

Em tuas mãos, Senhor! São Paulo: Paulinas, 1986.

Quem não precisa de conversão? São Paulo: Paulinas, 1987.

Um olhar sobre a cidade: olhar atento, de esperança, de prece. São Paulo: Paulus, 1995.

Vaticano II: Correspondência Conciliar – Circulares à família do São Joaquim. Introdução e notas de Luiz Carlos Marques. Vol. I/tomo 1: 1962-1964. Recife: IDHeC, Editora Universitária – UFPE, 2004.

Bibliografia sobre Dom Helder em português

BARROS, Marcelo. *Dom Helder, profeta para o nosso tempo.* Goiás: Rede da Paz, 2006.

BROUCKER, José. *As noites de um profeta: Dom Helder Camara no Concílio Vaticano II.* São Paulo: Paulus, 2008.

CASTRO, Gustavo do Passo. *As comunidades do Dom: um estudo sobre as CEBs no Recife.* Recife: Fundação Massangana, 1987.

CASTRO, Marcos de. *Dom Helder, o bispo da esperança.* Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CONDINI, Martinho. *Dom Helder, um modelo de esperança.* São Paulo: Paulus, 2008.

PILETTI, Nelson & PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara, o profeta da paz.* 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ROCHA, Abelardo Baltar da S. Ferreira & CHAGAS, Glauce. *Um furacão varre a esperança: o caso Dom Helder.* Recife: Fundarpe, 1993.

ROCHA, Zildo (org.). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTANGELO, Enzo. *Helder Camara: a voz dos que não têm voz.* São Paulo: Loyola, 1983.

TEN KATHEN, Nelmo Roque. *Uma vida para os pobres: espiritualidade de Dom Helder Camara.* São Paulo: Loyola, 1991.

PALAVRAS DE UM PROFETA

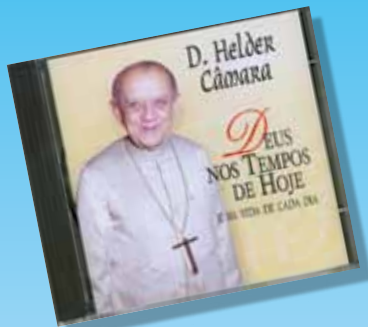


O DVD foi produzido para a celebração do centenário do nascimento de Dom Helder Camara, em 7 de fevereiro de 2009.

Reúne vários pronunciamentos sobre temas que refletem um pouco do pensamento desse grande profeta do século XX, gravados no ano de 1991.

Temas apresentados:

- Um desafio para os jovens
- Família
- Maria – Mulher
- Igreja no Brasil
- O Brasil e o mundo
- Viver a juventude
- A espera do ano 2000



Com voz firme, incisiva e profética, Dom Helder reflete, neste CD, sobre os temas:

- Deus nos tempos de hoje e na vida de cada dia
- Solidão para nós não existe
- Tudo tem vida e santidade
- Verbos prediletos
- Infância, juventude, idade adulta, velhice
- Cristo em nossa vida
- O Evangelho clama pela nossa conversão



O livro traz uma coletânea de mensagens e poemas de Dom Helder Camara, que falam sobre rosas — símbolo do amor —, e que foi publicada em sua homenagem, por ocasião da celebração dos seus 65 anos de sacerdócio, em agosto de 1996.



Com a experiência de sua longa vida sacerdotal, Dom Helder Camara lança, neste livro de breves reflexões e poemas, um olhar sobre a família, esta sagrada instituição que prolonga a criação do mundo e da humanidade, buscando cultivar e perpetuar o amor.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

© IDHeC - Recife - PE

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
DOM HELDER CAMARA – MEMÓRIA E PROFECIA NO SEU CENTENÁRIO – 1909/2009

FICHA TÉCNICA

Curadoria: Maria Helena Arrochellas e Padre José Oscar Beozzo. *Fotos e Textos:* José de Broucker e Instituto Dom Helder Camara IDHeC de Recife – PE. *Seleção dos originais e tradução dos textos do francês para o português:* Roberto Faria, Christina Ribeiro, Bete Barbosa e Maria Lúcia Moreira, Presidente do Instituto Dom Helder Camara/IDHeC. *Revisão:* Pe. José Oscar Beozzo.

PRODUÇÃO GRÁFICA

Banners: H. Menezes Adesivos Sign.

Montagem: Maria da Guia L. F. Cardoso Silva/CAALL; José Ricardo Barbosa dos Santos e Berniê Medeiros de Jesus/UCAM.

Caderno: Paulinas Editora – *Editora responsável:* Luzia M. de Oliveira Sena. *Diagramação:* Manuel Rebelato Miramontes. *Revisão:* Sandra Sinzato e Mônica Elaine G. S. da Costa.

PROMOÇÃO

Universidade Candido Mendes/UCAM – Rio de Janeiro - RJ; Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade/CAALL – Petrópolis - RJ; Instituto Dom Helder Camara/IDHeC – Recife - PE; Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular/CESEP - São Paulo - SP; Pontifícia Universidade Católica/PUC – Rio de Janeiro - RJ; Paulinas Editora, São Paulo - SP.

APOIO

Afranio Affonso Ferreira
Paulinas Editora

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A José de Broucker, à associação *Dom Helder-Memoire et Actualité* (Paris - Bruxelles) e ao *Centre Spirituel de Hautmont* que gentilmente cederam os direitos autorais da exposição.

Esta exposição foi realizada pela primeira vez na França, com curadoria de José de Broucker, concepção gráfica e realização de Anna Launay e patrocínio da agência CIRIC, da Fundação Obras de Frei Francisco (Recife) de Deschamps Arts Graphiques e de amigos de Dom Helder. As citações foram selecionadas e revisadas por José de Broucker.



Centro
Ecumênico de
Serviços à
Evangelização e
Educação Popular –
CESEP

